

# LAMPIÃO QUEER(?): TENSÕES, CISÕES E ESTRATÉGIAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL (1978 – 1981)

## LAMPIÃO QUEER(?): TENCIONS, DIVISIONS AND STRATEGIES OF HOMOSEXUAL MOVIMENT (1978 – 1981)

---

César Felipe Rodrigues 1

Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa 2

---

**Resumo:** Esse artigo, analisa as discussões do movimento homossexual do final da década de 1970, período de abertura política e com diversas transformações sociais, políticas e culturais. Para tanto, buscou-se nos discursos e matérias veiculadas no *Lampião da Esquina* (1978-1981), jornal que teve forte influência na composição do movimento homossexual brasileiro, as cisões, estratégias e discussões sobre as minorias, a heteronormatividade compulsória e a transexualidade, entre outras questões discutidas e apresentadas no periódico. Também se encontra em *Lampião* questionamentos que podem dar pistas de uma teoria/movimento específico da nossa história LGBTQI+. Para estas reflexões, apoiamos-nos em ideias e análises de gênero desenvolvidas por pensadoras feministas pós-estruturalistas e em conceitos desenvolvidos pelas teóricas queer.

**Palavras-chave:** *Lampião da Esquina*. Sexualidade. Gênero. Teoria queer.

**Abstract:** This article analyzes the discussions of the homosexual movement in the late 1970s, a period of political opening and with several social, political and cultural transformations. To this end, the discourses and articles published in *Lampião da Esquina* (1978-1981), a newspaper that had a strong influence on the composition of the Brazilian homosexual movement, were searched for the divisions, strategies and discussions about minorities, compulsory heteronormativity and transsexuality, among other issues discussed and presented in the journal. There are also questions in *Lampião* that can give clues to a specific theory/movement in our LGBTQI+ history. For these reflections, we draw on ideas and gender analyzes developed by post-structuralist feminist thinkers and on concepts developed by queer theorists.

**Keywords:** *Lampião da Esquina*. Sexuality. Genge. Queers Theory.

---

1 Mestre em Educação Sexual e licenciado em História pela Unisagrado. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7399060800689089>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6876-3790>. E-mail: [cesarfelipe@professor.educacao.sp.gov.br](mailto:cesarfelipe@professor.educacao.sp.gov.br)

2 Pós-Doutora em História, professora na Unisagrado e no programa de mestrado em Educação Sexual da UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2127262265365601>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7479-6054>. E-mail: [loufeitosa@oul.com.br](mailto:loufeitosa@oul.com.br)

## Introdução

A história das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciadas – tem nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os Sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica (LAMPPIÃO, 1978, nº 1, p. 2).

Esse trecho, tirado da 1ª edição de *Lampião da Esquina*, pode ser facilmente confundido com a citação de alguma teórica feminista pós-estruturalista ou então com a de alguns estudiosos dos movimentos *queer*. As teorias pós-estruturalistas servem como base teórica para as feministas, que passam a analisar conceitos como homem e mulher tidas como fixas e naturais por diversas correntes, como a humanista, que via no sujeito racional o homem, uma universalidade e essencialismo que dava conta de explicá-lo em toda história e cultura (PETER, 2000, p. 9). Para a autora Scott (1990), o pós-estruturalismo contribuiu para as feministas e suas análises de gênero com o método de desconstrução, que expõe as limitações das categorias. Essa corrente é formada por pensadores como Foucault, Derrida, entre outros, e por mais que ofereça outras possibilidades para análise de gênero, não encontra consenso entre as teóricas feministas. Pelo contrário, o tema é cercado de debates, com encontros e desencontros (PETER, 2000). Sobre o termo *queer* e gênero discutiremos mais à frente.

Ainda sobre o excerto do início do texto, é perceptível indícios de uma audaciosa empreitada assumida pelos editores do jornal *Lampião da Esquina*: tirar os homossexuais, ou as minorias, dos guetos da marginalidade a qual eram relegados pelos discursos e saberes vigentes que proferiam supostas verdades sobre esses indivíduos, sujeitando-os; tirá-los da invisibilidade histórica, elevá-los à categoria de sujeitos.

E é a respeito desta questão que se debruça esta análise. Identificar a empreitada percorrida pelo movimento homossexual no final da década de 1970 através do estudo documental e mostrar que já havia grupos que discutiam ideias que viriam a ser formuladas por teóricas *queer* anos depois.

O jornal *Lampião da Esquina* foi o escolhido por sua proximidade e coexistência com as diversas organizações dos homossexuais do período e pelas ricas informações e discussões que apresenta. Diversos artigos e trabalhos têm destacado a importância deste Jornal para o movimento e vice-versa (PÉRET, 2012; GREEN, 2000; FACCHINI, 2003).

Entendemos que o jornal é uma rica fonte de análise histórica, que apresenta vestígios da sociedade a qual é veiculado. Não é um documento neutro, possui interesses e vontades que podem ser identificados nos enunciados, nas propagandas e charges, como mencionam Luca e Martins:

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des) estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público (LUCA; MARTINS, 2006, p.11).

Em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas ocorreu a produção do jornal (CARDOSO, 1986, p.54) e os discursos e interesses propagados por ele (CARDOSO, VAINFAS, 1997, p. 337).

O jornal *Lampião da Esquina* compunha a imprensa alternativa da década de 1970 e foi impresso de 1978 a 1981. Sua edição era mensal e tiragem e circulação aproximada de 10

a 15 mil exemplares para todo o país. Foram publicadas 38 edições, incluindo a de número zero. *“Foi diante do constrangimento e preconceito latente que um grupo de jornalistas viu, em fins da década de 1970, a oportunidade certa para fazer valer seus ideais democráticos”* (LIMA, 2001, p.1). A sua estrutura era organizada em editoriais fixos como “Cartas na Mesa”, seção que publicava e respondia cartas dos leitores; “Esquina”, com notícias gerais, “Reportagem”, na qual a matéria de capa estava localizada. E a partir do número cinco, passa a ser escrita a coluna “Bixórdia”. Também havia espaço para informações culturais, com divulgação de livros, exposições, shows, filmes e entrevistas. A produção do conteúdo era feita pelos conselheiros editoriais e por convidados que variavam a cada edição. Como indicado no site oficial do Grupo Gay Bahia, que disponibiliza todas as edições do Jornal na internet:

O subsídio para a circulação veio por meio da criação de uma editora também chamada de Lampião e de colaboradores que doaram algumas quantias em moeda. O jornal, inicialmente, estava mais preocupado em retirar o “gay” da margem social, abrindo o discurso às minorias. Já em sua fase final o jornal se adapta ao gueto e torna-se mais ousado, contendo até mesmo ensaios sensuais e abordando temas mais polêmicos do que fazia em sua fase inicial.<sup>1</sup>

A primeira edição de *Lampião da Esquina*, a de número 0, foi enviada para 5 mil leitores de forma aleatória. O seu nome é sugestivo, pois remete à figura do cangaço: *Lampião*, um dos maiores símbolos de masculinidade, força, resistência e luta no país. Ao usar seu nome para um jornal que trata da sexualidade e homossexualidade, ele brinca com essa figura, provoca. Também remete a um lampião de esquina que tem como finalidade iluminar espaços antes obscuros, sombrios, como o tabu das sexualidades desviantes do período.

Além disso, é o primeiro periódico de grande alcance vendido em bancas do país, com conteúdo voltado ao público gay e produzido por homossexuais (TREVISAN, 2002, p. 338), contendo ricas discussões que são analisadas neste texto.

No Brasil dos anos 1960 e 1970, movimentos de contracultura começam a corroer os alicerces do comportamento social tradicional à época e abrem espaço para questionamentos a estes costumes, que serão enfatizados no decorrer desta análise. Com a ditadura militar (1964-1985), houve uma miscigenação entre esses movimentos e os ideais político-democráticos e populares. Nesse contexto, surge uma imprensa alternativa, que tinha como fundamento comum a oposição intransigente ao regime militar (LIMA, 2001, p. 1).

O termo “alternativa” contém quatro dos significados que podem explicar esse tipo de imprensa: *“o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída, para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizar as transformações sociais que pregavam”* (LIMA, 2001, p. 1).

O periódico era formado por um grupo de homossexuais, entre eles Aguinaldo Silva, João Trevisan, Darci Penteado, Peter Frey, entre tantos outros pertencentes à classe média, artística e intelectual do país, influenciados pelos movimentos políticos, feministas e gays que despertaram, no início da década de 1970, no Brasil e no mundo.

Optamos pelo uso do termo ‘movimento homossexual’ para designar os grupos sexuais dissidentes do período pelos mesmos motivos dados por Trevisan, quando reutiliza o termo na sua 4ª edição de *Devassos no Paraíso*, publicada pela Objetivo:

Preferi não atualizar modos de expressão que poderiam estar superados, como o jeito antigo de chamar a pauta lgbt simplesmente de “homossexual”, soando como possível reducionismo ou hegemonia guei. Pareceu-me importante que as gerações lgbt posteriores possam aferir como as gerações anteriores se expressavam, de acordo

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/> . Acesso em: 24 abr. 2021.

com as especificidades do seu tempo. Essa imprecisão conceitual faz parte da história das sexualidades não heteronormativas no Brasil (TREVISAN, 2018, p. 14).

As discussões que trabalhamos veiculadas em *Lampião* estão ligadas às cisões internas do movimento, relacionadas às pautas específicas ou posicionamentos partidários, aos surgimentos de grupos em outros espaços fora dos eixos urbanos RJ\SP e à tensão entre o movimento e o jornal. Outro ponto importante são as discussões dos aspectos que hoje compõem os movimentos *queer*, como minorias, resistência ao assimilacionismo:

O assimilacionismo consiste na primacia, no predomínio e imposição de uma cultura sobre outras. Isso pode acontecer no interior de uma comunidade política particular e também em âmbito internacional. Passando pelo colonialismo, neocolonialismo e por último na globalização. O assimilacionismo pode ter diversas causas: uma por se considerar que uma cultura é superior a outra ou por entender que a unidade/ uniformidade cultural é importante para a paz e ordem social. Também pode ser produzido, ao menos em parte e de forma não deliberada, como uma mera consequência do funcionamento de uma economia atual na forma de um mercado global. O assimilacionismo pode ocorrer pela via do autoritarismo e coativa. Os poderes autoritários pretendem unificar culturalmente a sociedade em nome da razão, nação, raça e religião. Mas também existem outros modos mais suaves e sutis de hegemonização cultural como a levada a cabo em nome do progresso das luzes e da racionalidade da lei (FERNÁNDEZ, 2003, p. 410 e 411). “Tradução dos autores”.

A heteronormatividade compulsória é mais um aspecto tratado e criticado pelo jornal como a única forma de expressão sexual/afetiva considera “normal”, “aceitável” e “possível” de ser experimentada. Há resistência à ideia de anormalidade e aos comportamentos sociais combativos em relação aos não heteros (PASSOS e SILVA, 2012). Ainda se observa a busca por uma construção da identidade homossexual brasileira - a transexualidade e travesti e as múltiplas especificidades que atravessavam o grupo, em relação aos movimentos de outros países, como os dos Estados Unidos, além da resistência ao capitalismo.

Embora haja divergências sobre as questões de gênero entre certas pensadoras feministas e as da corrente *queer*, o intuito aqui não é o de realizar uma discussão conceitual sobre elas. Encontramos em *Lampião* questionamentos que podem dar pistas de uma teoria/movimento específicos da nossa história LGBTQI+<sup>2</sup> brasileira. Auxiliados pela história e as suas novas formas de escrita, sujeitos e documentos, procuramos cumprir com o desafio aqui proposto.

A partir da década de 60 e 70, importantes mudanças no pensamento, hábitos, costumes e na ciência ocorreram e com isso a necessidade de reformular valores e conceitos tidos como fixos, tradicionais, clássicos. Gênero, que nos é apresentado pelas teóricas feministas, surge como possível categoria analítica na história, entre outras áreas do conhecimento (SCOTT, 1994). Nas reflexões postas por essas pensadoras a respeito de conceitos como masculinidade/feminilidade, heterossexualidade/homossexualidade apresentam fortes críticas às suas explicações biológicas, naturalistas e essencialistas ou anormais\degenerados (FEITOSA, 2008; MONTEIRO, 2000).

<sup>2</sup> A sigla LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros e Travestis, Queers, Intersexuais e +) está de acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, que busca orientar o uso de terminologias mais atualizadas desses grupos. Adicionamos o “Q” porque entendemos que aqui além desse termo ser utilizado para designar uma teoria/movimento, ele também representa sujeitos que não se encaixam nas representações de gays e lésbicas que assimilaram/ normatizaram/enquadraram nas normas heteronormativas. Como é o caso de alguns indivíduos e ideias apresentados. Manual de Comunicação LGBTI+. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em 2 maio 2021.

Scott vê no gênero uma potência analítica que até então era impensável para as teorias clássicas que trabalhavam com a ideia de sujeitos universais. Para a autora, gênero consegue ir à célula mais profundo da nossa tessitura social, que é a relação entre homens e mulheres. Ela destaca as construções sociais, culturais e históricas dos gêneros e por meio deles a possibilidade de compreender diferentes períodos e as diferenças estabelecidas entre os indivíduos nos âmbitos econômicos, políticos, sociais e culturais. Gênero transpassa essas categorias (SCOTT, 1994).

Já as ideias das pensadoras *queer* chegam ao Brasil na década de 1990 via academia e não pelos movimentos gays e lésbicos brasileiros. A teoria surge para contestar as políticas assimilacionistas e de igualdade dos movimentos gays e feministas dos Estados Unidos e da Europa (PELÚCIO, 2014). Já o termo *queer* aparece:

Em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação Queer Theory para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos. Em termos políticos, não tardou para que ele denotasse uma alternativa crítica aos movimentos assimilacionistas (MISKOLCI, 2009, p. 153-154).

Mas o que significa *queer*?

O queer, apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades. Uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada (PELÚCIO, 2012, p. 28).

A teoria *queer* então serve como uma ferramenta para um leque variado de práticas e críticas. Segundo a autora Spargo, é um movimento, não fixo, que busca analisar as representações do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, imagens; “*análise das representações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero, estudos de definição transexual e transgenero, de sadomasoquismo e de desejos transgressivos*” (SPARGO, 2017, p. 8-9). Nesse sentido, caracteriza toda forma que coloque em xeque a construção heteronormativa da sociedade.

Logo, *Lampião* pode ser identificado como uma produção *queer*, como buscaremos demonstrar, não apenas por ser um veículo homossexual, ou para minorias, mas pelas discussões que propõe, que antecedem diversos pontos que as pensadoras do Norte utilizaram para desenvolver a teoria *queer*. A discussão e crítica primordial destas pensadoras em relação ao sexo-gênero não são apresentadas no jornal, porém, diversas outras ideias são destacadas em *Lampião* e servem para exemplificar o quão o movimento no Brasil era diverso e já levantava questões que seriam enunciadas por elas após anos.

Estes debates aqui apresentados são de extrema importância por evidenciarem a necessidade de uma construção histórica mais plural, que inclua esses sujeitos apagados e silenciados durante tanto tempo. Além disso, neste momento particular que vivemos na história do Brasil, nos faz refletir sobre as declarações homofóbicas e transfóbicas do atual presidente da república, eleito em 2018, que dão aval para que o preconceito e a violência perpetuem-se<sup>3</sup>.

3 O Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis segundo a ONG Transgender Europe (TGEU) que em novembro de 2016 publicou esses resultados. Segue a baixo alguns links com declarações do presidente e da matéria que indica dados desta violência no Brasil. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-06/bolsonaro-critica-decisao-do-stf-de-criminalizar-homofobia> <https://exame.abril.com.br/brasil/sem-diretrizes-claras-no-governo-bolsonaro-lgbt-tem-violencia-e-descaso/>. Acessos em: 20 mar. 2021.

A seguir, propomos a análise de algumas das discussões presentes no jornal que, embora tenha circulado em um curto período de tempo, construiu um legado para o movimento LGBTQI+ brasileiro. Embora algumas problematizações sejam necessárias, percebemos o quão eram e são importantes suas reflexões, tanto para o movimento como para a própria sociedade.

### ***Lampião*, vida e morte: nascimento, desenvolvimento e crises no movimento homossexual**

O jornal *Lampião* surge em 1978 e com ele ascende o movimento homossexual, tendo como protagonista o grupo Somos de SP. Esse é um período de diversas mudanças culturais, sociais, políticas. Os trabalhadores reivindicam melhores condições de trabalho e salários e mobilizam-se em greves como a de 1979 no ABC; o movimento estudantil conquista expressão e os negros, as mulheres, os indígenas, os ecologistas e os homossexuais passam a pleitear mais direitos e menos preconceitos. Para Carvalho, é na posse de Geisel e na continuidade de Figueiredo (1979 – 1984) que o regime militar ensaia sua retirada, embora não completamente. A militarização da polícia e seu poder de perseguir, de modo arbitrário, indivíduos que o Estado abandonou, surge e se desenvolve com a ditadura e permanece após ela (CARVALHO, 2002).

Nesse período de mudanças, *Lampião* nasce como um veículo de formação e consentização do homossexual contra os grilhões impostos pela sociedade. O jornal terá forte ligação com os grupos de homossexuais e lésbicas que compunham o movimento homossexual do período (FACCHINI, 2003; GREEN, 2000). *Lampião* contribui com a organização do “primeiro”<sup>4</sup> encontro homossexual, que ocorre no sindicato dos jornalistas (FACCHINI, 2003). Relato a respeito do evento foi apresentado no *Lampião*:

No dia 16 de dezembro [...], aconteceu no Rio de Janeiro um fato inédito e certamente de fundamental importância para os homossexuais de todo o País. Realizou-se na sede da Associação Brasileira de Imprensa [...] o primeiro encontro de homossexuais militantes, com a presença de 60 pessoas procedentes de São Paulo, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Caxias e Rio. [...] Com isso estão seguindo o caminho de outras minorias oprimidas. Saímos assim da idade da inocência para entrar na idade adulta, e acredito que os debates da ABI tenham sido a marca dessa maioria (LAMPIÃO, 1980, nº 20, p. 7).

Embora haja grande empolgação por parte dos participantes, a difícil tarefa de formar um movimento homossexual e suas políticas e possíveis caminhos era extremamente desgastante. Esses embates, opiniões e posicionamentos diversos contribuirão para uma fragmentação do movimento. As divergências entre membros de regiões, cidades, grupos de uma mesma cidade, e de partidos políticos rivais ficam latentes nesse primeiro encontro, como mostra o trecho abaixo:

1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EGHO), realizado nos dois dias anteriores, caracterizou-se por um grau de disputa de poder realmente chocante, em se tratando de um movimento tão novo. Os grupos pareciam mais capelas fechadas. As divergências, necessárias e benéficas, lamentavelmente ampliaram-se como numa caixa de ressonância, graças a maneira tradicional de conduzi-las visando ganhar posições, ao ponto das

---

4 Nesse caso, foi o primeiro encontro, mas não foi “oficial”, ele serviu entre outras coisas para organizar o próximo encontro, tendo no nome o 1º (primeiro): I EGHO. Por isso optamos por colocar esse primeiro em aspas e o segundo sem.

diferenças (que eu acho geralmente menores, na medida que o movimento mal se estruturou) transformaram-se em furiosas disputas estudantis - com manobras, conchavos e xingos. Se não, vejamos: houve disputas e agressões entre cidades, entre regiões, entre grupos de uma mesma cidade, entre partidos políticos rivais que estavam ali representados (LAMPPIÃO, 1980, nº 24, p. 5).

Percebemos que em um curto espaço de tempo, um ano e alguns meses, o movimento já enfrenta o que seria um dos maiores desafios teóricos das pensadoras feministas pós-estruturalistas e teóricas *queer* - as especificidades das demandas de cada grupo. O Encontro destaca as singularidades das reivindicações das lésbicas; das questões sobre o racismo; das diferenças de classe social e de posições partidárias, ideológicas e regionais. A charge abaixo demonstra bem esse desafio de coesão quando, de forma metafórica, associa as brigas e “insultos” dentro de um apartamento com aquelas ocorridas no interior do próprio movimento, motivadas pelas demandas específicas de seus vários grupo: negros, feministas, lésbicos, operários, travestis, prostitutas e bichas:

**Imagem 1.** LAMPPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, 1980, nº 22, p. 11.



Embora houvesse discussões que resultaram na fragmentação em grupos menores, de acordo com suas especificidades, o movimento homossexual brasileiro consegue, naquele momento, tratar e articular outros temas além de gênero e sexualidade, que permearão a construção das identidades, como nacionalidade, cor e classe social, como indicado no excerto abaixo; temas esses retomados pelas feministas pós estruturalistas e pensadoras *queer* (PELÚCIO, 2012).

**Sem dúvida somos hoje no Brasil os maiores entusiastas de um encontro entre os vários setores discriminados de nossa sociedade.** Além de ratificar nosso desejo de autonomia, essa tem sido nossa contribuição mais original para uma prática política fora dos manuais. E isso tudo, em apenas dois anos de atividades, significa um enorme avanço. Basta lembrar que os americanos, em muitos anos de luta, poucas vezes conseguiram juntar forças tão dispares num objetivo comum (LAMPPIÃO, 1980, nº 24 p. 5). “Grifo dos autores”.

Outra discussão proposta pelo movimento foi a participação política partidária, ou não, e a sua assimilação ao sistema ou a resistência a ele, mantendo-se à sua margem, como também tratado posteriormente pelas pensadoras *queer* (PELÚLICO, 2012). Assim apresenta *Lampião*:

Um movimento homossexual realmente autônomo estaria buscando contrapor-se ao antiquado estilo de agremiação partidária que nos é apresentado como única alternativa de participação política de esquerda. [...]O que seria estar contra o poder? [...] Nossa política é patriarcal, vale dizer, estruturada sobre o culto ao Herói, ao Líder; ao Santo, à Normalidade — contrapondo-se ao que seria então a Mentira, o Demônio, o Bandido, o Dissidente.[...] Ora, se consideramos que somos os hereges da ordem consagrada, conclui-se que dessa maneira estamos apenas transformando nossas heresias em novos dogmas, em nova ortodoxia, e utilizando os modelos de opressão sofrida por nós, para continuar oprimindo. Lembro o exemplo americano: as bichas de San Francisco expulsaram os negros e chicanos dos seus bairros que se tornaram chiques, com aluguéis proibitivos. Só evitaremos reproduzir o gesto do opressor se nossa práxis deixar de lado um ativismo que, por ser mecânico e compulsivo, acaba sendo conformista (LAMPÍÃO, 1980, n.º 25 p. 9).

Nesse trecho, percebemos a preocupação em buscar novas formas de fazer política para evitar a reprodução da repressão, como é citado no caso Norte Americano. Discussão essa que se faz presente no trabalho de Butler ao problematizar as relações entre racismo, misoginia e heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2019).

Nesses outros dois excertos, podemos vislumbrar melhor a crítica à uma política considerada tradicional:

A melhor maneira de afirmar nosso direito ao prazer é fazendo boa cama, contra a chatice de nossos discursos militantes. Não poderia ser essa uma das nossas contribuições, em termos de práxis política? Uma forma subversora e herética, na medida que estaremos misturando elementos desconcertantes e criando misturas novas? Subverter: colocar no lugar “errado” as coisas certas, evitando a recuperação ideológica da cama. Pois a cama tem um mistério que é exatamente aquela característica das linguagens não-discursivas: Por ser imprevisível. Ela tem urna linguagem não-codificável, a ser abraçada mais do que decifrada. De tal modo que os manuais de política dificilmente conseguirão peneirar esse recanto onde as individualidades se cruzam melhor, sem justificativas nem receitas. Ao relativizar dessa maneira o poder, estaremos contribuindo para destruir esquemas patriarcais substanciados na busca compulsiva da disciplina, da normalidade, do científico. E como relativizar o poder? Com a afirmação de nossa “anormalidade”, ambigüidade, criatividade. Com nosso rechaço aos CENTROS decisórios onde se concentra o poder. É que nossa significação se encontra mesmo na margem. Por isso, nada é maior e prioritário para nós. Preferimos o menor, o individual, o infinitamente específico: só atingiremos o todo se partimos da partícula menor, a mais individualizada, onde a espécie está se refletindo, criando raízes (não é mesmo, Emanuel?). Isso eu chamo de POLÍTICA MENOR (LAMPÍÃO, 1980, n.º 25, p. 9).

Aqui, vemos a proximidade das ideias contidas na teoria *queer*, não de tentar destruir o centro, ou mesmo de se adequar a ele, mas de apontar seu caráter construído. Aponta para

uma estratégia não de aceitação da margem, mas de entender o movimento de deslocamento entre centro e margem ao questionar o centro. O elogio à margem significa a negação do centro, não porque a margem é boa, mas porque margem e centro são ambas ficções que precisam ser discutidas, evidenciadas, denunciadas (LOURO, 2011, p. 43). Essas ideias são reforçadas no excerto seguinte:

A única maneira de garantir nossa subversão e impossibilitar essa recuperação é ser cada vez mais viado e sapatona, portanto mais malditos e menos cobiçáveis por todas as formas de poder (ordem), do tipo partidos, publicidade, família, mídia. Quanto mais aprofundarmos nossas diferenças com a normalidade instituída (a sociedade heterossexual compulsória), tanto mais difícil será nos digirir. E tanto maior será nossa capacidade-de virar a mesa (LAMPPIÃO, 1980, nº 25 p. 9).

Além de elementos similares ao movimento atual das teóricas *queer*, esses extratos evidenciam as formas de estratégias, lutas e caminhos trilhados pelo movimento e suas contribuições para outros grupos, inclusive para as próprias esquerdas que acreditavam terem a receita para a política, resistência e revolução. Vemos uma proposta mais individualista, não no sentido liberal, mas sim na valorização das subjetividades dissidentes e possíveis resistências às assimilações do sistema e às cooptações.

Outra questão atual é o uso do termo heterossexualidade compulsória que, segundo as pensadoras *queer*, trata-se de uma construção discursiva em oposição à homossexualidade (LOURO, 2001). A respeito deste conceito, considera-se em *Lampião* que:

Não se deve esquecer que alguns dos nossos maiores cientistas, artistas, advogados e até primeiros ministros foram e são heterossexuais. De qualquer forma, todas essas pessoas apresentando um comportamento heterossexual têm certas características comuns de personalidade. Têm dificuldade de conciliar impulsos condicionados e agressivos, e há grande tendência de se tornarem estereotipados em seu papel específico; qualquer ameaça a esse papel lhes causará óbvia angústia e poderá até empurrá-los para a violência física. Como bem demonstra a frequência de estupros e as surras na “esposa”, a heterossexualidade masculina pode muitas vezes se expressar como hostilidade para as mulheres (LAMPPIÃO, 1978, nº7 p. 2).

Nesse excerto da matéria intitulada: *Heterossexualidade: perversão ou doença?*, notamos um tom irônico e debochado quando inverte-se os papéis e substitui-se a análise dos comportamentos considerados doentios e perversos da homossexualidade pelos da heterossexualidade. Outro ponto interessante é a constatação da violência gerada pela insegurança e ansiedade quando a masculinidade é posta em cheque (MONTEIRO, 2000), como faz o *Jornal* ao indicar a hostilidade e violência vividas por muitas mulheres em seus relacionamentos heterossexuais.

É importante observar que mesmo havendo rachas e cisões no interior do movimento, como atestado no próprio *Lampião da Esquina* (nº 32, p. 15) – SOMOS/RJ tenta tirar membros que representavam o jornal no *IIº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados* –, os grupos e movimentos ampliaram as suas representações em vários estados e espaços antes tidos como estritamente heterossexuais. Criam-se grupos organizados de torcidas homossexuais de futebol (LAMPPIÃO, 1980, nº23, p. 4); as travestis e as questões gays passam a se difundir nos teatros: “Ao conseguirem se organizar em grupos teatrais, os travestis estão vencendo antigos e profundos preconceitos que não lhes permitem aparecer na televisão” (LAMPPIÃO, 1980, nº 23, p. 4), e diversos estados passam a ter grupos de homossexuais e lésbicas organizados: “Em Recife

ou mais propriamente em Olinda quis conhecer dois núcleos de ativismo homossexual: o grupo GATHO e o 'VIVENCIAL DIVERSIONES'" (LAMPÍÃO, 1981, nº 33, p. 3).

**Imagem 2.** LAMPÍÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, 1980, nº 22, p. 11.



**Imagem 3.** LAMPÍÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, 1981, nº 37, p. 1.



Essas imagens e trechos comprovam que mesmo com as cisões, o movimento crescia e se tornava múltiplo. No *Lampião* nº 37, p. 2, em resposta a uma carta, o jornal lista uma diversidade de atividades que estavam em andamento, desde festas, palastras em universidade de diversos estados, lançamentos de livros sobre homossexualidade, entre tantas outras.

Outra questão é a análise crítica realizada pelo jornal a movimentos homossexuais de outros países, como o caso do "Gay macho" do Estados Unidos, bem como a um grupo Italiano que, ao militar em um partido de esquerda, muitas vezes 'esquecia' sua luta específica em prol de uma "maior" (LAMPÍÃO, 1980, nº 26, p. 2). Ainda, no festival organizado em Amsterdan pelo grupo homossexual *Flikkers* (bichas vermelhas), cujo objetivo era mostrar as pesquisas em torno da questão homossexual, enaltecida no livro por eles lançado "A Homossexualidade e a Invenção do Automóvel" (LAMPÍÃO, 1980, nº 25 p. 10), é sugerido que a homossexualidade, assim como o automóvel, são construções/invenções de determinado período histórico, sendo assim, passíveis a análises equivocadas.

Essas passagens e matérias demonstram a tentativa de construção de uma luta e de um movimento preocupado com as especificidades do Brasil, como realizado posteriormente por pensadoras decoloniais e *queer*. Na entrevista do Gabeira – ex-exilado, que voltou ao Brasil no final de 1979 – a preocupação com nossas particularidade fica evidente, como a questão da desigualdade latente do país:

Exatamente. Quer dizer, se nós vamos desenvolver estas lutas no Brasil, tanto ao nível da ecologia quanto ao nível das mulheres, dos homossexuais, das minorias étnicas, etc., **a gente tem que encontrar exatamente o que é de brasileiro nessa luta, o que é de específico na nossa luta.** Esta questão dos homossexuais pobres: ela nunca se apresentaria, por exemplo, para os homossexuais suecos,

No Brasil, no entanto, ela é o dia-a-dia, é “café-com-pão” da nossa convivência nas cadeias: de um lado, violência interna nas prisões, do outro lado a violência da polícia sobre os homossexuais, e por último, a passividade das pessoas, uma certa sensação de que é assim e sempre foi assim, a ausência de escândalo (LAMPPIÃO, 1979, nº18 p. 8). “Grifo dos autores”.

Outro tema apresentado no Jornal é a respeito do conceito de minorias, como apresentado abaixo, e que também tem merecido reflexões das pensadoras da teoria *queer*:

[...] a própria palavra “minoria” mereceu contestação enquanto definição aplicada aos grupos discriminados, pois já carrega em si uma idéia de coisa secundaria, não-representativa menos importante. Mesmo porque o critério quantitativo é discutível: as mulheres, por ex, compõem mais de 50% da humanidade. Depois, as classificações à base de uma mera enumeração estatística podem resultar insuficientes e inexatas: negro é apenas o preto retinto ou os vários tons de mulato? Se a homossexualidade se caracteriza socialmente por sua invisibilidade, como saber quantos homossexuais existem no Brasil? Acima de tudo, quem consagra as definições são os donos do poder; os brancos, machos e heterossexuais naturalmente tenderão a defender-se, chamando a si mesmos de maioria. E, como no sonho democrático acaba-se criando a ditadura da maioria, associa-se sempre o majoritário ao normal. Daí ser feia a negritude, doentia a homossexualidade, bárbara as culturas indígenas e burras as mulheres (LAMPPIÃO, 1979, nº10 p. 10).

E, por último, *Lampião* reflete sobre as travestis e transexuais, tentando compreendê-las. Sobre os questionamentos levantados pelo jornal a respeito das transexuais, destacamos:

Assim, é preciso ver, primeiro, o que deu origem a este processo. Não foi uma queixa da suposta vítima. Valdir Nogueira, que, agora como Valdirene, foi ao tribunal e disse ao juiz que o Dr. Farina, ao fazer a operação, lhe deu uma nova vida. A operação foi realizada em 1971, no Hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo, e só alguns anos depois que o promotor Messias Piva decidiu denunciar o médico, sob alegação de que este ofendeu a integridade física do paciente, “uma vez que daquele ato cirúrgico resultou para o ofendido perda irreparável dos órgãos sexuais e inutilização de suas respectivas funções” (LAMPPIÃO, 1978, nº 5 p. 5).

A matéria enfatiza o caráter moral do julgamento, tendo em vista uma declaração do promotor, após vencer a causa, de que as famílias poderiam ficar tranquilas caso tivessem em suas casas caso semelhante e que não precisariam lidar com a mutilação desse indivíduo “problemático”:

O julgamento do Dr. Farina foi, portanto, um julgamento moral; tanto que, ao aplaudir a decisão do juiz, o promotor Piva acrescentou ao que já havia dito a antes que “esta decisão tem grande alcance social, porque vem, sobretudo, tranquilizar a família brasileira: poderá esta se ver obrigada a enfrentar, no lar, alguém com problema semelhante ao paciente do caso em exame; entretanto, jamais estará obrigada a ter que suportá-lo na condição de mutilado” (LAMPPIÃO, 1978, nº 5, p. 5).

Já a respeito do conceito transexual, destacamos a seguinte questão do jornal: “*Mas então qual a diferença entre transexual e travesti? Cuca, principalmente cuca!*” (LAMPPIÃO, 1978, nº 5, p. 5). Enfatizamos que as discussões apresentadas pelas pensadoras feministas pós estruturalistas e as teóricas *queer* estão alinhadas àquelas postas no final da década de 1970 pelo movimento homossexual, expressas no *Lampião*. Por fim, como enfatiza Monteiro, as reflexões e reivindicações postas naquele momento insidiram na própria transformação da masculinidade (MONTEIRO, 2000).

### Considerações Finais

Em *Lampião*, podemos vislumbrar uma produção literária muito rica e intensa sobre sexualidade, gênero, política, lutas, etc. Mesmo que o jornal tenha sido composto por homens, cis, brancos e de classe média alta – o que denuncia as estruturas racistas, classistas, machistas e homofobias do Brasil – suas reflexões são uma herança para o movimento LGBTQI+ atual e indicam caminhos e formas de resistência em relação às exclusões e violências.

*Lampião* ainda vive, mesmo 40 anos após a sua última publicação. Essas divergências, acusações e dissidências apresentadas no movimento são resultados e reflexos de um universo plural e diverso dos grupos homossexuais. Essa diversidade de opiniões possibilita-nos identificar reflexões, posicionamentos e ações variadas de oposição ao poder vigente no contexto brasileiro da década de 1970.

Essas cisões demonstram a não universalidade dos homossexuais, o que dificulta a homogeneização por parte de discursos que buscam controlar o movimento ou guiá-lo ao caminho “certo”. Demonstra o amadurecimento do movimento homossexual brasileiro em relação às discussões sobre poder, sujeitos, identidades, sexualidade, entre outras questões apontadas pelas pensadoras da teoria *queer* atual.

### Referências

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo. 1 Ed. Crocodilo, 2019.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5 Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. “História e Análise de Textos”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: Reconstituindo um Histórico. **AEL**, Campinas, v.10, n.18/19, 2003.

FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e sexualidade no mundo romano, **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.

FERNÁNDEZ, Encarnación. Cómo conjugar universalidad de los derechos y diversidad cultural? **Persona y Derecho**, Navarra, v. 49, p. 393-444, 2003. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/handle/10171/14395>. Acesso em 14 nov. 2020.

GREEN, James, Naylor. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

LIMA, Marcos Antônio Assis. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil**. BOCC

(biblioteca on-line da ciências da comunicação). 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/lima-marcus-assis-IMPRESA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

LUCA, Tania, Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006.

LOURO, Guacira, Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 22 fev. 2021.

LOURO, Guacira, Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “exêntrico”. In: LOURO, Guacira, Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana, Vilodre (Orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 7. Ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 41 – 52.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MONTEIRO, Marko. **Tenha Piedade dos Homens! Masculinidade em Mudança**. Juiz de Fora: FEME, 2000.

PASSOS, Larissa. SILVA, Eriéide. Invisibilidade homoafetiva nos meios de comunicação: um olhar sobre a heteronormatividade nas propagandas de outdoor no Dia dos Namorados. **Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História**, Paraná, p. 251-256, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós colonialismo, feminismo e teoria queer. **Contemporânea**, Salvador, v. 2, n. 2 p. 395- 418. Jul. - Dez. 2012.

PELÚCIO, Larissa. “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?”. **Periódicos**, Salvador, v. 1, n. 1., p. 1-24, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/10150/7254>. Acesso em 26 ago. 2020.

PÉRET, Flavia. **Imprensa Gay no Brasil**. Ed. 1. São Paulo: Publifolha, 2012.

PETER, Michel. **Pós-estruturalismo e a filosofia da diferença**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCOTT, Joan. **“Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.”** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer**. Tradução: Heci Regina Candiani. Autêntica Editora, 20 de julho de 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 Ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Objetiva, 2018.

#### Fonte

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 1, Maio de 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 5, Setembro de 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 7, Novembro de 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 8, Dezembro de 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 9, Janeiro de 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 10, Fevereiro de 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 18, Novembro de 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 20, Janeiro de 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 23, Abril de 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 24, Maio de 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 25, Junho de 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 26, Julho de 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 32, Janeiro de 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 33, Fevereiro de 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 37, Junho de 1981.

Recebido em: 21 de maio de 2021.  
Aceito em 18 de dezembro de 2021.